

SILVA CARVALHO  
PORÉTICA EDITORA

EXÍLIO II



SILVA CARVALHO

PORÉTICA EDITORA

EXÍLIO II

## O ESPELHO

O espelho quebrado e alistridente,  
fenda do arguto perquirir dos espaços quentes,  
o espelho dorme e eu velo a minha natureza morta,  
como outrora na Grécia as carpideiras da memória,  
ou o galo maldito dos contos esbeltos do norte abrigo.

Chamas! Chamas! Na noite sobretudo, agora,  
chamas ou escamas, sóis e lençóis, infinitos,  
lágrimas secas e rios dúbios, cheias mordazes,  
eu vi-o, não me perguntam como nem quem,  
eu vi-o como me vejo agora, sem superfície,  
e a amargura dura da ausência encheu meu delírio.

Sim, o sinal prospera, mas em que direcção?  
Sim, a força domina, mas quem?  
Sim, a morte vence, eu sei!

24/8/1972

## AO ACASO

Assim, como se nada fosse,  
diante do crepúsculo que é o século,  
velho por dentro, demasiado ao acaso,  
nos caminhos onde tropeço,  
também eu poderia esgarçar as girândolas  
da loucura com um gesto mágico aprendido outrora.

24/8/1972

## ENCRUZILHADAS

Ví nas encruzilhadas,  
ilhas de desespero onde as opções  
são desejos e crimes,  
vi nas bermas das estradas, esgoto quente,  
os cardos dormentes e as insinuações vividas, vi sobre a terra  
longamente devastada o sinal de um outro mundo  
e de uma outra era, mas o mundo era mentira  
e os sinais fulgentes, clamores de um nada  
que nascia e vivia, saído da insatisfação  
e do magro desespero.

29/8/1972

## OUTRORA

As alegrias puras, fora do domínio da reflexão,  
foram as que me sulcaram outrora,  
no tempo insano das fúlvidas auroras  
e do esplendor suado de um arrebol.  
As alegrias sem mais nada!...

## ERA

Outrora, sem dúvida, algures,  
longe dos anos terebrantes e das brisas  
que traziam raivas e domínios de maldição,  
eu fui, não o rei nem o chefe do reino,  
mas o homem que nasceu do homem-vulgo

e que viveu o homem em cada passo dado,  
como a presença de algo que morre  
ou desaparece ou se esvaece: tempo  
de agonia, a idade avança, o clamor esfria,  
a era metamorfoseia-se, mas em quê, em quê?

29/8/1972

### A EXPERIÊNCIA

Se queres encontrar-te vivo e presente  
faz a experiência do silêncio e do vazio:  
só se encontra o que nunca se almejou!

29/8/1972

### O CLANGOR

Venham os caixotes do lixo redentor,  
a seiva estéril,  
o clangor  
das batalhas vindicativas de qualquer coisa,  
venham as rosas e os espinhos  
da natureza apaixonada:  
debaixo da minha máscara  
o tempo tece  
uma ilusão!

6/9/1972

## NADA

Ser e viver, morrer e nascer,  
eis que o universo é homem,  
mas o homem é já nada.

8/9/1072

## UM CRIMINOSO

Atingi aquele estado  
em que a poesia é impossível,  
não por culpa minha ou dela,  
mas porque a época  
é impossível e porque a loucura  
ainda existe.

Faço-me compreender?  
Viver, sim, é certo,  
cefaleias durante a semana,  
sono ao domingo,  
trabalho que se arvora  
na alma deserta  
e que do corpo faz um maltrapilho  
raivoso.

A grave questão: poder-se-á ser poeta  
hoje em dia,  
ou apenas um criminoso agressivo?

17/9/1972

## O MUNDO

Disseram-me que o mundo  
vai mudar para melhor,  
eu só vejo polícias e matracas e muito medo  
espalhado, homens  
contra as fachadas, violações e roubos,  
sociedades que se consomem  
e revoltas abortadas.

17/9/1972

## AS POEIRAS

Não mais as poeiras.  
Não mais os passos antigos.  
Violações que foram cânticos  
e cânticos que são castigos.  
A aurora dorme, ó doida solidão!

1/10/1972

## AMÁLGAMA

Vítima, clareira aberta, a floresta ardeu em redor,  
flor de um incêndio maldito, amálgama de dor,  
alistridência de fugas, altos desígnios para cumprir,  
felicidade estúpida que vence e acaba por fugir.

1/10/1972

## DISERTO E DESERTO

Não quero ser diserto quando sou deserto,  
não quero mentir mais.  
Escrevo no imediato,  
real de ser,  
sem grandes palavras luxuosas  
ditadas pela prolixidade  
e pelo lazer,  
escrevo a poesia da fealdade  
e quero da vossa parte a leitura  
do desprezo.

1/10/1972

## O VAZIO

A desolação mais completa,  
o vazio mais vazio,  
o frio mais frio,  
preenchendo a intelectual subtileza  
de não ser.

Ser esse estado vazio que paira  
sem limites de tempo ou de espaço,  
ser o impossível feito possível.

Indeterminado nada.  
Mas sem palavras.

1/10/1972

## SENTIR

A discrepância de sentir.

A exegese do ilimitado  
no indeterminado.  
Eflúvios ideais e cegueira espacial.

Símbolos. Rictus. Febre.

Terminologia das faltas,  
erros graves,  
a poesia é um balanço do irreal maior.

Só o caos nos pode valer.  
E depois, não.

5/10/1072

## DESENGANO

Os gritos quando fui grito  
e sofrimento.  
Nada mais resta da fogueira  
que brilhou,  
nem as cinzas de um desengano encanecido,  
nada,  
ausência de fogo  
e violação do sítio.

8/10/1972

## LIVIDAMENTE

Velhos panfletos que foram verdades das idades,  
apanágio do tumulto que inundou o mundo,  
ceifas que se cumpriram, sonhos de fogo na água,  
almas vazias e esfriadas, a terra dorme, ó mal,  
e a palavra da pobreza está lividamente cansada.

18/10/1972

## A PALAVRA

Apóstrofes e violências, carinhos falsificados,  
a solidão é um deserto gasto e a sede estrangula.

No medo de ser, escrever é uma fatalidade,  
ó crueldade, imagem do estar, delírio de morrer.

Só a pedra que é eternidade merece a palavra.

18/10/1972

## VÉUS

Duvido do sol e espero as faúlhas.  
Falsidade, amargura, palavras malditas,  
o silêncio absorto despede-se dos véus  
que eu, signo infinito, ainda fito.

25/2/1973

## AMBIGUIDADE

Amo a ambiguidade da poesia que edifico,  
um verso terso quando uso o tempo,  
um ritmo tenso quando espero o espaço,  
aço de uma nova razão que invento.

Falei com o nada, e soube-o assumir.  
Raiva que me aquece. Na poesia do ser há loucura  
e brandura feita dos calhaus amigos.

25/2/1973

## ÉPOCA

Já não me olho no espelho do tempo  
porque conheço de cor as alterações  
do espírito: envelheço e torno-me espelho:  
o mundo aí está na tensão de uma época.

25/2/1973

## O FULCRO

Falta-me a essência das idades, o fulcro das estações.  
Fui velho na juventude, serei jovem na velhice.

Sinto-me perdido. Apego-me à ideia do suicídio.

25/2/1973

## UM ESTRANHO

Ainda sou um estranho para a natureza.  
Fereza nas palavras, ódio.  
Sinais perdidos que o ocidente cristaliza.

Há mais mundos, não é verdade?  
Mas onde, onde?  
Renego-me como existência:  
sou ausência e consinto-me.

25/2/1973

## ESQUECIMENTO

Quero querer, e creio no que quero:  
sono e esquecimento, tanta solidão  
nas línguas aprendidas pela cultura!

25/2/1973

## ABISMO

Não tenho medo do universo. Acho-o tão insignificante,  
tão desnecessário, que diante do meu pensamento  
só encontro compaixão pelo fora, outrora ilusão temível.

Sou ambíguo porque não desejo mais ser justo.  
Basta-me a potência do meu sofrimento  
e a luz que se desprende do meu abismo.

Falo da aurora e a aurora é um crime.  
E a esperança, e o futuro.

25/2/1973

## FELIZ

Burilei a pedra e pedra permaneci.  
Joguei a vida na estética da perdição.  
Perdi-me no fogo da paixão.  
Fui longamente grande, quero dizer,  
inumano e odioso como um sonho.

Não quero mais livros para ser feliz.

25/2/1973

## CARNE

Digo-me quando sou mundo contendo os outros.  
O ódio não é um mal. Nem o amor.

Tentei imitar os homens e perdi-me.  
Tentei ser o universo e afastei-me.  
Tentei voltar às raízes e enterrei-me.

O cheiro da minha carne queimada espalha-se:  
escravo, travo, escamas, tramas: um sim, um não.

25/2/1973

## CLARIVIDENTE

Fazer da impotência uma nova ciência,  
e sobretudo vencer, vencer.

Quanto mais clarividente, tanto mais...  
Impossível. She is so heavy!  
Sables, sables, la vie se venge...

Inspiração. No meio das tréguas,  
como uma chuvada de pedras, a inacção.

O sentido novo de uma maneira de ser.

Matam-se os homens e vendem-se jornais.  
Lê-se o coração e sofre-se do fígado.  
Não é absurdo, tudo é clarividente.

Frases que nascem na noite  
e morrem ao amanhecer.  
O ser que se transmuda e se esvaece  
como fumo.  
Temor.

A cabeça do universo não possui ideias,  
teias do ser que se tecem no vazio.

Miséria na semana e repouso ao domingo.

Que mais pode dar a civilização ocidental?

1973

## O FIM

Disseram-nos que vamos perder.  
Mas o quê?  
Disseram-nos a beleza dos últimos momentos.  
Falaram-nos da Grécia e de Roma. O fim.  
Há muito de mediocridade na palavra.  
Assistir ao declínio não é um bom espectáculo.  
Ah! Os fins das civilizações. Outrora como hoje.

1973

## PERDIÇÃO

A modernidade dos homens fatiga-me  
e na sociedade só o crime trabalha e vence.  
Não é o amor que salvará o mundo.  
Nem talvez a dor. Nem a guerra.  
Nada poderá salvar o desejo de perdição.

O mundo só espera o sinal do propício  
para se desencadear no fogo do precipício,  
a morte também é civilização.

Nem os risos, nem os mimos, nem os livros,  
mas a escuridão onde nos implantamos  
para fugir à descoberta da nossa condição:  
ser dor e querer ser, no ódio e no amor,  
sem perguntas nem respostas, sem sim nem não.

1973

## UNIDADE

Tornar o real evidente, mas para quê a maldição ou a fome  
da pobreza, se os rios são indiferentes à nossa existência?  
Nem Verbo. Nem descoberta. Nem novidade.  
Ser fatalidade fora de todo o enquadramento,  
desprotegido do homem, isolado do pensamento,  
na unidade de se ser  
entre começo e termo.

1973

## MEDIAÇÃO

Nem só de poesia vive o homem, a medíocre mediação  
do inimaginável, o corpo tece-se de febre e de sangue,  
o espírito com o peso da vida é cadáver. Pobre da europa  
que é tão miserável, e das amérias que são tão desumanas,  
pobre do poeta que é exílio de mármore, e das poesias  
que são tão desossadas.

1973

## A PALAVRA

Infinitamente, no limite de uma outra realidade,  
a palavra que tropeça como um cego vidente,  
a palavra que necessita de espaço e de tempo  
para se tornar finalmente nova e presente.

De desgosto a palavra ainda se escreve,  
rictus no seio do enleio,  
ferocidades breves,  
o poema constrói-se da ausência de esperma  
e a criação torna-se vazio e acaso.

11/3/1973

## DEVERAS

Não sei o que fazer à minha morte.

O guerreiro esmorece, a loucura estremece,  
a tristeza é mais amarga que as próprias fezes.  
É-se como uma pulsação rodeada de trevas  
e a pedra que nos asfixia atrai-nos deveras.

11/3/1973

## O SENTIDO

Reflichto  
sobre o sentido maldito da existência.

Em que mundo poderia eu ser mais feliz?  
Em que sociedade saberia eu reconhecer o social?  
Em que humanidade encontraria o ser humano?  
Em que morte me despojaria do manto mortal?

1973

## ÓDIO

Há ódio em cada frase escamoteada do presente,  
o ferro de antanho e gume doido do ausente,  
há ódio em cada face que cruza a trivialidade,  
um olhar que morde, um rictus que se abre.

Triste que o mundo não possa ser mais amigável,  
ou que o homem não queira ou não saiba ser mundo.

1973

## NOITE

É noite e no café onde passei muito da miséria  
eu vejo entre as vidraças da nossa anfígamma era  
os rostos dos desconhecidos que se fazem homens.

1973

## DESTINO

Não falo com ninguém. Ignoro-me. Desci à rua,  
vi carros que passam e gente que passa,  
achei que tudo estava bem e não chorei.

Já não posso destino, ou então engano-me.  
Mas sou feliz. Nada me chama, o sexo mexe-se  
com os primeiros calores, estou ainda tão vivo,  
e quero ser vivo mesmo sabendo que há dor.

Criam-se panóplias e as panóplias asfixiam,  
mesmo quando ainda há a presença do orgulho.  
E no engulho a vida que nos foi roubada  
persiste em ser a nossa vida, mesmo arrasada.

1973

## HOJE

As fortes personalidades. Deixa-me rir.  
Os talentos. Os génios. Deixa-me rir.  
As inteligências. A acuidade.  
O brilho.

Hoje eu chego a amar a poesia que odiei.  
Não me perguntam porquê.  
Mas já o disse.  
Procurem, ó gentes, procurem.

1973

## MEMÓRIA

Sou tão desprovido de memória que me plagio.  
A temática dos meus livros alicerça-me ao infinito.

Ontem ainda eu pensava ter vivido o futuro.  
Hoje já nem sei se o passado foi realmente.

1973

## UMA HISTÓRIA

É fulvidamente noite e preciso de o dizer.  
Cada etapa da vida, cada salto na imagem do desassossego.  
Mas descansa, que hoje só tenho uma certa melancolia  
e este esdrúxulo prazer de estar e de ser.

Soaram horas num relógio e o tempo não existe,  
ouço o fora como um carro que passa e resvala,  
a europa ou só o bairro dorme como um sinistro,  
mas que importa, se a alma brilha e se espalha.

Não quero o luxo de me pensar alguém,  
olho em volta e revejo nos objectos sussurrantes  
uma história para ser contada nos livros futuros.  
Mas com que palavras se a arte perde os homens?

1973

## NUNCA

Nem hoje nem amanhã. Nunca. O quê?  
Rio-me dos símbolos que se arvoram meus inimigos,  
do pretenso clima da desordem colho tranquilidade.

Fecharam-se as portas da eternidade tão odiada.  
O reino limita-se ao suor de se ser escravo.  
Corre-se a vida como uma luz desaparecida.  
Aqui estamos para perpetuar o último enigma.

1973

## O INSENTIDO

Que destruímos para nos sentirmos tão abandonados?  
De que edifício caíram todos esses calhaus em volta?  
Em que cataclismo vivemos a perdição da alma?  
E sobretudo, por que não começamos a construir?

Com que medo nos fazemos desolação e lágrimas,  
que cobardia tolheu o tesão da nossa juventude,  
que inimigos nos venceram na batalha perdida?

Meu ser não tem nenhum sentido.  
Que faço aqui num perpétuo esviscerar do abrigo,  
e que equação me pode definir se sou e não vivo?  
Em que caos terá razão o insentido do meu viver?

Há uma velha canção no âmago doente do mundo.  
A memória perde-se em tudo.  
Resta apenas a escória do turbilhão de palavras  
que nada conseguiram para acalentar  
um só homem.

1973

## CINZAS

Clangores e fedores, fim, fim, mesmo no devir.  
Sonhos e escarros, poéticas pobres, mortalhas.

Sulcos no parapeito da civilização e nas entranhas.  
Fogo no delírio que consome a fatalidade da noite.

Quero no roldão do acme o silêncio da morte.  
Deixa-me ser no intervalo da ignomínia atroz.

Deixa-me beijar o cu monstruoso da estátua.  
Tanta vida na loucura que se concentra alma.

Alma. O próximo universo será mais humano.  
Nas cinzas da velha cidade, tudo se perde, e etc...

1973

### UM VERME

Sobe, sobe, sobe sobre a angústia  
de ter sido passado  
o velho ritmo que forjou a ambivalência,  
quem sou,  
se nada se reveste de essência?

O que digo, senão a náusea do não?

Quero-te como este calor no meu vazio,  
este roldão de chamas que nada criam.

Quero-te dispersão como um verme da revolta.

Sobe, sobe, sobe, alaga-se o meu corpo de suor.  
Onde estou? Quem sou? Ah, as areias  
do tempo.  
Em que universo serei uma pedra  
do humano,

Em que desrazão vou eu construir o meu habitáculo?  
Deixa-me ser, grito, grito, deixa-me ser.  
Ah! Século de castradores, o que fizestes do século?

Vejo homens que cansam nos olhos vazios da máquina.  
Vivo homens que morrem na desolação do deserto.

1973

### MEDIOCRIDADE

A estridência morreu e sou feliz por ser eu.  
A noite rumoreja como uma fêmea com cio.  
Sou um sexo erigido ao vazio do céu estrénuo.  
Colho do silêncio vãs sentimentalidades.

Um eflúvio do desamor percorre-me como um espasmo,  
sucos do deserto que se fizeram angústia das horas,  
laivos que não suportam a hedionda mediocridade,  
mas a vingança terá sempre o seu lugar ao meu lado.

Eu sei, mais do que ninguém, que acabando tudo se acaba.

1973

### A FEALDADE

Os brancos não me fazem mais mal.  
Apostos no meu destino são apelos de absoluto  
que ora temo ora violento,

e se a revolta não transparece mais nos meus gestos,  
ela esconde-se no mutismo  
que constrói a minha carne.

Olho-me no rosto das gentes, essa fealdade  
ignota, revejo-me nos passos marcados  
nos trilhos dos dias, aqui  
uma mancha que significou talvez um declínio,  
ali uma fulgurância que quis ser,  
sem dúvida, amor.

1973

## CRIAÇÃO

Houve eras em que o homem se falava e desconhecia

a náusea, ligaram-se por mistérios de sangue

os membros dos povos,

fundaram-se cidades que prosperaram

entre a injustiça e a glória.

Depois, como uma irreparável maldição que desce

sobre o que nasce,

a desolação começou a gangrenar as pedras

do edifício ilusório.

E um dia, dessa história, só ficaram sobre a terra

vestígios, poeira de significados que, esquecidos,

se perderam no nada,

até ao vazio inocente que predispõe

ao culto da criação.

29/5/1973

## TERROR

Disse-te a verdade. Quem era.  
Da noite donde fui tirado um longínquo terror  
permanece que corre ainda nas minhas veias,  
a morte onde cansaço me edifício,  
a sorte que derrubei num comício,  
a extensão imperdoável de não ser tudo ou nada,  
flâmulas que me paralisaram e sonhos arruinados,  
mesmo se a palavra me fala  
e não comprehendo o sentido.

1974

## DAS COISAS

Escrever outros sentidos com outras palavras.  
Criar na ignorância do ser  
uma aurora inesgotável,  
um perpétuo deslizar do impessoal  
suceder das coisas.

Procuro na intentona intelectual a salvação.

Tento expungir o que de passado não sei comandar,  
a ilusão de ser homem  
no seio cadavérico do social,  
a intemperança gratuita de me sentir animal,  
tento com árduo fervor exsicar a mania quotidiana.

1974

## O REDOR

Pausadamente fito o redor  
que agora delimita a estesia do possível.  
Escrevo, contudo, no contexto doloroso da palavra,  
os sentimentos que surdem imperiosos do nada  
e explodem como avalanches  
no meu coração cansado.

Quais subterrâneos sentimentos  
e que melodia?  
Espero atingir o cerne humano das experiências  
vividas, escorrego por entre destroços  
de temperamento esporádico,  
teço um estranho holocausto à volta dos meus passos.

Não sei o que digo.  
Abro-me às pessoas que me rodeiam,  
confesso sibilinas impressões  
que nascem do quotidiano,  
espreito na solidez da realidade  
que não sei se vivo um sentido capaz de me harmonizar  
com tudo o mais.

E não sei se sou.  
Quero dizer, ignoro-me agente  
do fautível e corrente exclusiva da história,  
o que faço inscreve-se no gratuito como uma esmola,  
os feitos que pratico não são dignos de uma memória,  
esbarro assim contra o muro do absurdo.

1974

## PRAZER

Vou no meu terrível espaço e aqueço com fachos  
a sensibilidade dotada de uma impossível missão.  
Estremeço quando a palavra irrompe e brilha,  
apago-me nas cinzas estremes dos novos enigmas.

Querem-me igual aos outros homens e eu sorrio.  
A família extinta ou a sociedade aflita  
não corresponde mais ao desejo hodierno  
que quer a todo o custo tornar-se prazer.

1974

## LEVEZA

O imputrescível desceu ao meu convívio com os demais,  
sofro como uma cúspide as amizades periclitantes  
que outros se dignam oferecer-me.  
Meu desapego funde-se como neves ancestrais  
e sinto algures na alma uma leveza aprazível.

1974

## TUDO E NADA

Cumpro o destino agónico  
de quem experimentou tudo  
na placidez quotidiana de não fazer nada  
nem ser nada.

Levanto-me do leito adormecido  
e busco no alimento um outro clima onde  
se possa viver.

Levo-me por entre gentes  
que habitam a cidade  
e já não sacralizo com a minha presença  
o redor que se tornava outrora  
uma memória.

Sou, à maneira moderna, um sage  
e não ensino o caminho.

Sinto-me bem, vazio.  
O corpo descansado das labutas actuais,  
o espírito entregue ao nada  
como uma possibilidade de tudo,  
os sentidos estendidos  
e captando o real que não sabe existir.

1974

## OS FRUTOS

Irrazoáveis sinais  
transparecem nos meus domínios,  
o passado estúpido  
que tenta infiltrar-se no presente.  
Apago-o como um sopro  
que obedece ao destino,  
se ontem fui miserável cabe-me hoje  
o descanso.

Mudei de espaço quando atravessei o oceano?  
As ilhas reconhecem em mim a ilha à deriva?  
Tenho sofrido as injustiças  
do mundo.  
Arranco-me ao solstício  
e viajo por entre mortalhas.  
Quanto tempo ainda neste paraíso  
sem trabalho?  
Viverei o suficiente para colher os frutos  
futuros?

1974

## INTENSO

Penso.  
Agora que nada faço dos dias e sou livre enfim  
da mecânica que me prende à sobrevivência do ocidente:  
as mais loucas exigências que o espírito pode abrigar,  
feitos inumanos com o cariz mordente de novas horas,  
diálogos que não consigo idealizar junto aos homens,  
feitiços correspondendo ao silêncio das tardes hiemas,  
sarças de novas eras onde a religião não será existente.

Penso e vivo íncubo a inclemência do delírio.  
Leio vagos livros que me dão a fraqueza do século.  
Folheio velhas revistas que foram história essencial.  
Apago-me como um brilho que de tão intenso  
não pode durar mais que os segundos de uma aventura.

1974

## CONCISO

Gostaria de ser mais conciso nas minhas deambulações,  
de exprimir o real que vivo nas devidas palavras  
que existem sem os engulhos adquiridos no século,  
gostaria de saber contar o dia como uma tarefa  
que não realizarei, preguiçoso que sou e sem remorsos,  
gostaria de me infiltrar no som actual da história  
e de descrever o que se passa à volta dos nossos dias.

1974

## CERCADO

Passam-se os anos e torno-me uma espécie de experiência.  
Nada aprendi que me sirva, nada retenho dos dias volvidos.  
Vivo apenas cercado desta erosão feita de presságios altivos  
e coberto de uma nódoa que foi sem dúvida esplendor.

1974

## UM PERIGO

Recordo-me do muito ou do pouco que tenho vivido.  
Do que tenho sido. Do que sou.  
Recordo-me como quem se esquece de um perigo  
e deixo-me arrastar pelo sonho.

Não que o equívoco tenha desaparecido,  
mas consigo agora evitar os preconceitos da dor,

limitando-me ao aspecto exterior do homem.

Sou um vulto que passa ou um vizinho que sai de casa,  
tenho amigos que frequento e sítios do hábito,  
o racional estabilizou a discrepante maneira de eu ser.

Se sorrio não busco mais tarde a análise furibunda,  
de qualquer maneira mudei o ritmo da minha vida.  
Não desespero com os eventuais insucessos da experiência.

1974

### O HUMANO NO HOMEM

Quero deixar nestas páginas o tempo vivido  
entre uma eclosão e um tóbido castigo,  
a presença de uma gratuitidade assumida,  
quero levar nestas páginas o fedor da morte.

Compreendo quanto de mim dependia do exterior,  
quanto de mim sofreu as tentativas falhadas  
para imitar o humano no homem,  
a impossibilidade real em fingir que era outro.

1974

### CLÍMAX

Não medito sobre a casualidade de tudo,  
nem sequer me importo com o mimetismo

de animal arraigado à alma da poesia,  
sinto como uma onda de desespero  
a morte que cai taciturna sobre os aflitos  
monumentos que nasceram no ocidente.

Não nego a música que me abre ao ilímite  
extremo, sigo-a como quem realiza um sonho  
no clímax do real, em cada percalço fugidio,  
em cada mudança de ritmo, e na mente  
que lavro com arquejos de suor sibilino  
uma construção levanta-se para me desgraçar:

Sou. Estou.

1974

## TUMULTO

Canções cíclicas apregoam a verdade actual:  
*nós somos os mortos.*  
Parece que no tumulto grávido da multidão  
ninguém ouve. Quem somos? Para onde vamos?  
Quem são os nossos pais? Onde vivemos?

1974

## CÉPTICO

O que pensei de uma acção?  
A ideia com que fiquei de um clima?

Estou cansado e céptico quanto ao pensamento moderno, mesmo se aceito a sua originalidade, mesmo se me capacito que é tudo o que se pode fazer. Onde eu vivo todos esses problemas me parecem demasiado remotos, mesmo falsos.

Vivo numa outra esfera  
onde o homem é reinventado.

1974

## FELIZ E REAL

Leio sobre o fim da civilização  
que desgostosos arrotamos,  
sobre os crimes mal ou bem fundados,  
sobre as sociedades  
no que têm de bom ou de mau,  
estou plenamente de acordo  
com possíveis razões que se dão,  
baseadas todas na contradição,

Mas o que pretendo na irremediável vida  
de todos os dias é mudar as relações todas  
que me separam ou ligam ao mundo,  
e assim viver já,  
nas ruínas dos edifícios  
que se desmoronam,  
uma outra possibilidade de ser humano e feliz e real.

1974

## LIXO

Posso ao menos revelar com palavras simples e ágeis  
a natureza, o conteúdo, o contexto do mundo que vivo?  
Mas como poderia fazer do futuro um presente relativo  
senão vivendo no tempo a sucessão do que está sendo?

Para isso temos que capturar o defeito e o coercível,  
no dia a dia, migalhas de horror e de peste e de fome.

E todos os dias renascer do famoso caixote do lixo  
que assiste já ao brilho ainda pálido de uma aurora.

1974

## NOS CAFÉS

Não vivo só.

Mas quando os outros trabalham os horários  
eu permaneço e encho com a minha presença de mimetismo  
os recantos mais escondidos desta casa que não comprehendo.

Usufruo o conforto que me tem sido negado nos últimos anos,  
aprecio como uma novidade as velhas sensações de estar lavado,  
durmo sobre camas amigas  
e algumas vezes estou acompanhado.

Rio-me como nunca e nos cafés da cidade que nos recebe bem  
sonhamos em voz alta o que talvez nunca faremos  
por impossibilidade.

Perdi uma certa impulsividade.  
Já não acalento cinismos espertos.

Derreto-me neste calor de animal que é o segredo da festa  
e festejo a razão de tudo ser puramente irrazoável.

Quero gozar cada minuto que passa  
e me traz miríade de signos.  
Compreendo, contudo, que foi graças à dor volvida  
que posso tão à-vontade viver o quotidiano  
como um orgasmo,  
tendo ganho o direito inviolável de não mais sofrer.

Que se passará lá fora?  
Que desastres afligem a humanidade?  
Que políticas galvanizam agora as massas extenuantes?  
Que brilhos percorrem os holocaustos do crime organizado?  
Que esperanças abortam os defensores do homem  
maiúsculo?

1974

BEM

Sinto-me tão bem.  
A revolta que crio no cio do mundo  
já não se volta contra mim para me estragar a existência.  
Limitado ao corpo possuo, contudo, os alvos exteriores  
nos quais projecto aliveloz a esperança.

1974

## O HETERÓCLITO

Há um outro olhar  
na ignomínia suada  
do tédio circundante.

A morte que não pára  
de sacar ao mundo  
o preço humano.  
O nulo nocivo  
que navega por entre bandeiras  
de sangue.

Expilo e expiro a mágoa  
que tolhe a magia impressiva,  
fogos de mim esvaecem-se como ideias  
que não puderam nascer.

Sinto no cerne imo intuitivo do estar  
sendo o ser.

A maldade e o vício,  
a brevidade de um prazer,  
o que se comeu na casa do conforto  
ilícito,  
o ser e o não-ser  
vividos como gratuitidades obscenas,  
o heteróclito  
que merece o perdão da lógica  
inimiga.

1974

## A POEIRA E O PÓ

Os trâmites do transe na eclosão trânsfuga do suor,  
o medo que é o pão diário  
de milhares de existências,  
a traição translata que edifica a injustiça no mundo,  
o subsídio do social  
que não chega a fechar as bocas,  
o pavor impávido  
que arruma os signos do presente,  
os calhaus anímicos  
que enchem o vazio do sofrimento.

Cendro a visão do mundo com cinzas do desgaste,  
coo o ser da canga inóspita onde figuras de esperança  
cantam estranhos ritmos que embalam o coração.

A cerebração do século arrota ideias e ideais humanísticos,  
seguidores de credos vão às igrejas da mentira vicária,  
abram-se escolas nos quadrívios onde morrem as flores.

Tábuas de salvação escorregam  
como almas que desobedecem  
à carne que somos quando o instinto é mais forte  
que a morte.

Naufrágios de construções  
que deveriam enfrentar os tempos.

Temos nas narinas a poeira e o pó das ruínas que nascem.

1974

## INOMINADO

Há ainda os homens noctívagos que passam e saúdam,  
que fazem àquelas horas nas encruzilhadas do destino?

Que vidas representam no palco do inominado:  
faúlhas do ser que agora sou quando os imito?

1974

## ANONIMATO

As palavras não bastam para apaziguarem o crime,  
aqui, no isolamento propício ao meditar dos casos anímicos,  
eu vivo a mais árdua experiência que me foi dado viver:  
tudo é vago e a terra firme surge como utopia impossível.  
Sou um anonimato e contengo na minha visão de homem  
o preço que se paga quando se almeja a liberdade:  
ficar para sempre ao nível estético do mar sereno:  
um berço onde se pode nascer, um túmulo inesquecível.  
Ficar vivo ainda nos é mais importante que morrer.

1974

## EXPLOSIVA

Quero ser feliz. Mesmo não percebendo  
o significado real e inteiro dessa frase explosiva.

1974

## AS LEIS

O prazer tem que violar as leis do mundo.

Nada faço e possuo por uns meses uma casa onde me abrigo:  
Estou bem. Lembro-me de certas críticas que fazia  
a certos homens e agora apreendo na minha súbita  
compreensão o meu erro.

O sofrimento que não se pode evitar não é uma medalha.  
Pelo contrário, apenas destrói no indivíduo  
as capacidades criadoras.

Não me sinto ligado a nada. As pátrias perderam todo o brilho.  
A posse do temporal deixa-me larvamente indiferente.  
Sei, contudo, usar os objectos que disponho no quotidiano  
e não digo que não ao que o ocidente possa oferecer de conforto.

Cada vez que preciso de voltar ao real para sobreviver  
choco com a esterilidade e aridez da época que vivemos.

Vozes falazes aconselham-me a mudar de parecer.  
Meu caminho é qualquer coisa que a humanidade receia.

1974

## EVIDÊNCIA

Reitero as perguntas formuladas outrora na juventude.  
Descubro que a nada soube responder com experiência.  
A vida escorre como uma intemperança desnecessária  
e estritos indícios não traduzem a evidência da descoberta.

Não tiro conclusões pressurosas sobre o que vivo.  
Enganar-me para quê se já não preciso de ilusões.

1974

## ORGASMO

Deluzidos caminhos que arvorei quando era jovem  
e agora reaparecem na experiência de um pavor:  
Olhos de gentes que me viram passar e sofrer.  
A recordação lânguida de oaristas com o mundo:  
Fui talvez a história que não faço quando vivo  
a mediocridade altiva de ser simples e ignorante.  
Não dou um peido pelas inteligências que ganham postos  
na sociedade que se debruça aflita sobre os escarros,  
o mal que nasce nos pântanos febris descobre a máscara  
e gritos de angústia povoam as noites do fátuo ocidente.  
Querem sangue e na meticulosa altura onde se governa  
preparam-se os planos de guerras ditas salvadoras,  
criam-se razões para justificarem os erros cometidos,  
eles sabem como fazer pagar a vindicta da própria terra.

Não chorarei o destino daqueles que não lutam  
nem sabem talvez de que maneira evitar o perigo;  
nenhum declínio do homem será suficientemente altivo  
para que me possa enternecer e desejar-lhe paz.

Vejo-os que passam atarefados no limite do horário,  
olhares vazios que nunca verão o brilho de uma estrela,  
bocas famintas que jamais provarão o ilimito do sonho,  
vejo-os e não me atrevo sequer a amaldiçoá-los.

Como evitar a esterilidade que a sociedade impregna?  
Como desafiar o corpo quando se anseia por um orgasmo?

1974

### RODOPIO

Que a música saiba extinguir em mim  
uma sede tardívaga de monstruosas manifestações  
do humano que se vinga,  
agora que preso neste rodopio de luxúria  
ao vivo eu gravito longos astros de paixão e de medo.

Cusparam no ar as arrogantes mediocridades modernas  
e sobre músicas do desencanto o homem  
nasce e morre, hoje quero permanecer estático no vórtice  
de tudo para que amanhã assuma a novíssima  
condição do nada.

1974

### ARREMESSOS

Sei que o êxtase está morto  
e tudo se perde.  
Sei amaldiçoar a minha carne com arremessos  
capazes de um suicídio,  
mesmo se agora minto.  
Não sei o que quero. Fugir.  
Fugir para onde,

se tudo é tecido desta escória  
que me avulta?  
Se toda a terra gravita de grávidas dores  
e o homem que sou  
apodrece como uma árvore maldita?

1974

## SENSAÇÕES

Quais são os meus pensamentos? Que sensações?  
Que sinto de realmente vivido no vórtice?  
Este suor de tudo que se infiltra em mim,  
e de mim sai como uma adiposidade irremediável,  
este ócio de dias passados com o tempo no crânio  
e uma alegria feita da angústia que se ignora.

1974

## SENSIBILIDADE

Este travo apanágio de um desgosto.  
Este rodopio algoz que me inebria e mortalha.  
Este sulfuroso deslizar como um tempo canalha.  
Este prurido na desfigurada temeridade da era,  
Antiquíssimas frases que amei na solidão do inalterável:  
*Na minha sensibilidade feita de nervos e humores*  
*também há albergues para turistas de alma!*

1975

## VIVER

Descubro na intumescência aracnídea dos dias que passam  
estranhas alegrias que se assemelham cada vez mais  
a dores e partos. Estremeço de tanto ouvir contar  
o filamento radiosso do universo  
que se acaba como poeiras sulfurosas  
que pairam no cérebro.

Leio a ausência timorata de livros e na realidade onde me insiro  
busco o sinal do periclitante, a resposta suada do desvelo.

Acho cinzas e auroras sepulcrais, não me comprehendo  
homem, fujo de mímicas que minimizam a individualidade  
essencial.

Cada passo e cada palavra que se dá e se diz e se descobre,  
a vida de todos os dias e o tumulto das horas que zurzem,  
a grávida demência daqueles que querem o poder de ditar leis,  
o espúrio delito que galvaniza as tentações tecidas na carne.

Querem mudar com violência a mediocridade de empobrecidas  
pazes, querem duvidar do mal e edificar  
o reino salutar da criatividade,  
querem colher no seio das musas  
os prémios inesquecíveis, querem obedecer ao homem  
para melhor perecerem de irresponsabilidade.

Há ainda o outro lado, a outra face, o outro caminho.  
Viver é aceitar.

1975

## A OUSADIA

Aqui, marca e marco, encontro de duas idades e silêncio e nada.  
Ali, mais humano que a própria humanidade,  
o brilho do esplendor.

Escrevo na angústia de nada dizer,  
digo na tensão de tudo ser e viver e não mentir mais uma vez.  
Colmato o vazio do século cujo declínio não é uma palavra vã.  
Sofro a loucura que se esvai e teme a ousadia  
de ver mais que o real.

1975

## O FORA

A utopia em mim não é uma ideia fantasista da masturbação,  
é a minha única necessidade de ser feliz,  
o meu desejo mais veemente,  
o meu prazer mais divulgado,  
a minha morte mais dolorosamente sentida.

Estudei no decorrer dos dias a mecânica casual  
de ser homem.  
Vi os outros que labutam e sofrem,  
ou exploram e assassinam.

Vi com todos os sentidos a progressão do mal e do bem.  
Compreendi que tudo estava errado e que só o fora vence.

1975

## O IMPERDOÁVEL

A poesia espraia-se como uma inutilidade sagrada. Eu profano os moldes estabelecidos com arremessos de vitalidade.

Nas palavras que alinho umas às outras  
vejo o brilho intenso de uma vida que se descobre  
centro de tudo e análise do estar sendo.

Anos vividos na sobrevivência quotidiana.

Anos perdidos de cansaço. Trabalhava ao som  
de trombetas que edificavam as prisões malditas  
e no peito a vingança arfava como um martelo  
de violência. Falei aos escravos e só recebi  
olhares esquecidos da idade antiga e presente.

Voltar para trás é caminhar para a frente?  
Quem disse ou provou o contrário?

Habituei-me ao silêncio de casas desabitadas e ao frio  
da europa. Saía do abrigo em dias de sol e ia sorrateiro  
espreitar a natureza. Compreendia mal as flores e os rochedos  
que deslizavam na paisagem. Meditei muitas vezes  
sobre a carência de homens e fui talvez ingrato.

Agora,  
depois de demoras e cheio de dúvidas, escrevo  
o imperdoável.

1975

## MEDO

Tudo se resume ao medo que temos  
mesmo quando nos dizemos libertos.

Medo de não sabermos como enfrentar  
situações que fogem à rotina.

Medo de mudarmos os hábitos  
enquistados que nos viram nascer.  
Medo de sermos pela primeira vez  
a liberdade no mundo vivido.

Tudo, afinal, se esconde no medo  
mefítico que entrava a felicidade.

Medo que se infiltra no cerne  
miraculoso das odisseias humanas.  
As noites mal dormidas e os dias mal  
despertos porque o medo insano  
paira sobre as pessoas e tal uma peste  
devora as ilusões do passado.

Já não sei ler os livros antigos  
que a humanidade deixou.  
Já não sei sentir as emoções  
que os poetas sentiram outrora.  
Sei que vivo no minuto que passa  
a confusão de uma aurora  
e quero inscrever na minha carne  
o delírio de viver a hora.

1975

## FINS DE SEMANA

Nas páginas soltas de livros esquecidos li o meu destino:  
não o ter, mas viver a carne e o espírito no acaso dos dias.

A casa dorme e o sol é um domingo abandonado no oco do tédio.  
Ouço vozes de crianças e ruídos da cidade que descansa e engana.

Amanhã, ajoujados ao dever de cidadãos bem-comportados,  
eles levarão nas mãos suadas de um trabalho espúrio a escravidão.

Eu saberei então chorar toda a dor que sofre o mundo.

Então, levantado ao sol nascente, correndo como um louco  
que viu o enigma, poderei cantar as tréguas e o declínio do Homem.

Mas agora a paz é uma mentira de todos os fins de semana.  
Agora talvez tudo seja possível e eu completamente desnecessário.  
Amanhã é a angústia de não ter que comer e de viver de nadas.

Desde quando vivo assim? Os alicerces são vãos ideais  
de outrora, a casa é um mito no recesso convicto  
que se esconde de mim, a companhia do homem  
é uma ideia antiga que sulcou pelo tempo perdendo-se  
nos caminhos casuais que levam ao quadrívio moderno.

Que fazer? Apalpo o corpo num gesto de protecção  
anímica, aqui está a base do meu sonho, o terreno inculto  
dos futuros, aqui vive a estranha necessidade que se quer  
fazer realidade, que fazer senão aceitar a vida como aventura?

1975

## NOITE

É noite – esta frase é o cúmulo de todas as frases.  
O acme nitescente  
de uma procura que não consegue deambular  
por entre silêncios vadios, a resposta que ninguém espera,  
salvo talvez aqueles que têm sofrido  
as injustiças de haver homens e diferenças  
e exploração anímica do ser.

O subitâneo engulho,  
a taciturna pausa de um prélio que não pára,  
o dúvida escarifar de sentidos que empestam o ocidente  
como se vive hoje o nascimento prematuro  
de pensamentos que não são essenciais,  
mas na tautologia vigorosa do ódio uma chama  
aquece o entardecer.

O êxtase fabrica-se de nadas  
que se aglomeram na sinfonia do tempo,  
esse momento de perda irremediável,  
esse minuto de prazer universal,  
esse gosto de esporra que invade a estesia aflita  
das idades amenas,  
a ânsia terebrante que arbitra a luta entre a vida isenta  
e a morte.

Agora que a noite cai como caem os homens,  
eu prefiguro o caos, busco abrigo no coração onde a idade  
atinge auges indefectíveis de angústia e desamor.

1975

## A TAREFA

Isolado de tudo e de todos, febricitantemente vergado  
sobre a tarefa de desvendar os mistérios que persistem  
em viver a actualidade,  
de conversar com os deuses antigos  
sobre a inexistência deles, de inventar os valores  
que desaparecem cada vez que são engendrados,  
a minha tarefa é árdua e o meu prémio  
é uma cova isenta de perdão.

Quero deixar aqui, à maneira de um cego que não preside  
ao cataclismo, o ódio de ter sido o sofrimento  
que a queda engendra na alma, quero viver agora  
o minuto que se tece de promessas e de vagos vagidos.

1975

## O SÉCULO

Ser mais nada. Aqui fico à espera da aurora que empalidecerá  
o mundo, cansado de ter viajado como um vento saído do nada,  
cansado por ter vivido os anos decorridos entre o nascimento  
e a morte.

Aqui estou, as mãos desfeitas na poeira que se despega de mim,  
filha nítida do meu corpo, tecido inviolável de uma nostalgia,  
aqui, lugar e vígil esperança, o século não se seduz com lágrimas.

Sou aquele que não sabe nem pode parar. O caminho que leva  
à perdição. Sou o naufrago de velhos navios que navegaram

ao longo dos sentimentos. Trago comigo as maldições e as épocas que me viram passar e morrer. Eu, no trágico desenrolar de todas as coisas, a fuga, o silêncio terrível.

1975

## IRREAL

Dizem-me que falhei em tudo. Mas eu nada tinha a fazer; nasci, vivi, vou decerto morrer num destes dias.

Sacudo da vacuidade cinzenta da memória perdurável as palavras. Bafio e teias de aranha, a mitologia antiga de não podermos mentir, a tragédia moderna que teima em derrubar as arquitecturas do irreal.

1975

## CANSAÇO

Apaga-se e transparece no âmago nítidente de uma noite breve o silêncio de horas que não traduzem a estadia do homem na terra.

Verbos do desemprego, a fome e a miséria, a mulher que chora e ama. Na palavra encontro a minha paixão e a minha paixão clama.

Tenho vivido. Como um instinto profano que se revela apto ao castigo. Tenho calcorreado a estranheza e a fereza

do século. Tenho sido um farrapo na mediocridade que o ocidente incute nas pessoas. Um número de uma girândola que não acontece nem estremece com medo.

Mas estou cansado. Este cansaço acumulado ano após ano, este cansaço soma de todas as desilusões, de todos os enganos prestigiosos, este cansaço no seio do meu viver. O corpo que desobedece.

Não sei se realmente sigo o que não poderei jamais ser.  
Brilhos e flâmulas no meu ódio, sofrimento e raiva no amor.

1975

## CADA

Cada palavra é por si só uma abertura para a liberdade.  
Cada frase um sentido que se apodera do caos universal.  
Cada poema uma face visceral de uma posição no mundo.  
Cada livro um testemunho onde o nada reina como esfinge.

1975

## ESTADIA

Vou esperando que se façam horas. Para quê? O enigma estala. Sim, tenho nesta angústia de me ter levantado cedo a esperança casual no projecto futuro do homem.  
São raras as palavras que me metem medo:

dissolvidas na crueldade profícua do século penoso  
elas arvoram-se ao esplendor de um sacrifício.

As casas, os horários. A nostalgia por um vago desejo,  
o ensejo de não mais pensar. Às vezes o punhal de um ódio  
que me parece tão solitário, as carnes dilaceradas  
e no espírito a dor.

A dor da qual ninguém ainda soube falar,  
a dor de se viver dias e dias no rodopio do insentido,  
de assistirmos às estações que deflagram e passam  
como um arrepião, a dor mitridática, a dor casuística,  
a dor corolário da existência.

Sento-me no gesto de não ficar de pé todo o tempo  
que espero. A minha estadia na terra é um grito  
que não atinge nenhuma essência.  
Vou perdendo aos poucos a minha existência,  
o meu fascínio.

1975

## PELE

Não preciso de mais espaço para expor a minha ideia.

Traço com leves arremessos de uma disponibilidade fingida  
a teia que me asfixia, e sou na aranha insípida  
o voraz destino que se esconde nos dias desencantados.  
A torre dorme, o homem mortalha-se com os últimos  
vestígios de uma esperança antiquíssima.

Vou no caminho do desconhecido e vagueio,  
à esquerda a opção impossível,  
à direita o que a vida de hoje me pode oferecer.  
Recuso, quero dizer, recuso-me.

Falam-me do sistema,  
das estranhas greves que paralisam o ocidente,  
das fomes que despovoam o mundo povoado de tanta miséria,  
fico absorto e condoído, estarei eu também no símbolo de barro?

Minto. Arranho a minha estesia que se quer ainda insolúvel.  
Na minha pele escrevo o diário do século, possesto possuo  
a origem e o fim da minha angústia.

As noites são sulcadas de suores que enlouquecem.  
Os vícios espalham-se pela terra como frutos da demência.

1975

## QUERER

Saem de mim exalações, o homem vive-me, concedo.  
Piso na terra esses passos que se edificam no arbitrário  
e canto melopeias ensinadas pelos avoengos.  
Quero reconhecer-me terra, quero amar a minha origem.  
Mas querer não é achar.  
Tacteio, a imagem esboroa-se como indefinível castigo.  
Alago-me de um suor que galvaniza o meu desespero.  
Tramam-se armadilhas no sítio do ser. Ah, viver!...

1975

## O HORIZONTE

Reviço a sensibilidade. Estilhaço a panóplia.  
Desfloro o espaço. Teço com a minha angústia uma cúpula  
de altos desígnios que não sei colmatar.

Julgo-me um estranho e lúdrico altar, a brevidade nula, o auge.

Em mim brotam forças desmedidas e o engano quotidiano  
apodera-se da minha fortaleza. Quero luz  
na acalmia transparente da dor,  
quero o amor no simulacro da carne que se transfigura.  
Esse é o espírito que comanda o mundo,  
esse é o fruto maduro de uma nova história.  
Perscruto o horizonte nada. Sim, esta paisagem do medo,  
este céu sanguíneo, estas árvores em descampados simétricos,  
este estremecimento de mim mesmo outra coisa.

1975

## UMA MÁSCARA

Estou diante de mim mesmo. Vejo-me tal como sou.  
Uma máscara.  
Olho-me nos olhos e não sei se choro, se rio.  
Falo-me das razões que me trouxeram a este sítio.  
Revelo factos que não desconheço, espicaço a memória,  
folheio livros do passado, fotografias,  
amarelados poemas de um fastio indesculpável.

1975

## ROUBO

Roubo ao testemunho do século a casa onde jazo.  
Ouço os juízos daqueles que pretendem salvar o mundo.  
Vejo nas acções o fio indelével de uma destruição.  
Assisto lividamente transfigurado ao tempo que se constrói  
com fáceis aquedutos, sibilinos passos, doidos passamentos.

Mas agora esta voz que canta, estes sons que são o apanágio  
de uma liberdade incontestável, este amor que se filtra  
das rudezas desumanizadas do universo, agora este brilho  
súbito na clareira insuportável do asco,  
agora estes minutos de um prazer que não tem bitolas.

Esta voz que ecoa e diz: *Still I thought I'd make it.*

1975

## FOME

Largo as amarras do pensamento:  
estranho, o barco não voga nem sai do porto onde se abriga.  
A equipagem não existe, a peste veio e lambeu os corpos  
dos homens, aqui, onde nada mexe, no silêncio absoluto,  
escrevo, como um carrasco que estrangula a vítima,  
o meu amor próprio.

Vou dizer sim, na corrupção e no engano, vou dizer sim.  
Entregar-me ao bem, eu que tenho tantas e boas afinidades  
com o mal. Dizer: senhores, o outro que fui morreu, sou outro,  
vejam o meu aspecto, escutem as minhas razões:

vazio e estupidez. Digam o que disserem, estarei de acordo.  
Quero apenas descanso, descanso. Dêem-me uma profissão  
qualquer: todas são iguais. Em nenhuma saberia realizar-me.  
O meu sonho foi maior. Quis tudo. Tudo. Eu que estava  
perdidamente centrado no nada.

Agora não me rio dos discursos políticos, Aceito o que dizes  
e talvez tenhas razão. Finalmente és tu que vives  
no conforto, na riqueza: deve haver válidos motivos para crer  
no que dizes. A mentira não existe. Existe sim esta fome  
de dias mal dormidos, esta fome por tudo, esta fome  
devoradora, esta fome anímica, esta fome que empesta  
o meu lugar, esta fome fome de tudo, esta fome.

1975

## A POLUIÇÃO

Estou verdadeiramente podre. A poluição não é só um mito.  
É, por vezes, a própria essência de sermos homem.  
Estou pois gasto por nulas batalhas onde o desespero  
teve um papel esclarecedor,  
estou prestes a desfalecer.

Não vejo mais nada. Escuto o ruído caduco do relógio,  
gravo sobre a minha carne as horas que desfilam  
como anúncios de declínios.

Eu próprio não acredito em mim mesmo.

1975

## NINGUÉM

Folheio livros daqueles que me disseram alguma coisa  
quando lia desalmadamente, são os mesmos, comprehendo-os.  
Tenho tocado um pouco em tudo, tenho comprehendido tudo.

A minha vida não a comprehendo eu.

As certezas são-me adiáforas, nasci, vivo, vou morrer.  
E depois? E esta miséria? E este exílio? E este sofrimento?  
A máquina que esmaga o homem, chamam-lhe capital,  
ninguém se interessa verdadeiramente em destruí-la.  
A máquina que come homens e estraga existências.

A máquina despovoadora.

Abro a porta. Ninguém. Não contava com ninguém.  
Está calor, escrevo, nada mais interessa.  
Sim, destruir a máquina, ou inventar o homem.

1975

## TRABALHAR

Levanto-me às cinco horas da manhã. Tomo o metro.  
Vejo as mesmas caras desgraçadas dos mesmos miseráveis,  
velhos rostos já carcomidos pela miséria, pela má vida,  
velhos corpos que se obedecem porque o hábito existe.  
Às seis e um quarto começo a trabalhar. Sou um limpador.  
Ter um emprego, que emprego mais lindo e profético  
poderia exigir? Limpo a merda dos outros, nas casas

dos outros, para mim mesmo me digo: limpo o universo.  
Consoladora mentira. Limpo no silêncio das horas primeiras,  
o corpo no ritmo, o pensamento ou desvairado ou embotado,  
não vejo, não ouço, não sinto, limpo a merda dos outros.  
Dura quatro horas, Depois despeço-me do chefe, digo  
um até amanhã mitigado, tomo novamente o metro.  
Mas agora nada vejo: estou cansado, cheiro a lixívia,  
meu corpo sua com o calor desta estuporada primavera:  
chego a casa uma hora depois. Como pão e bebo água.  
Atiro-me para a cama e finjo que durmo. Quero ser feliz,  
preciso de ser feliz. Mas não durmo. O ruído da cidade  
entra-me pelo quarto dentro, a claridade infiltra-se pelas réstias,  
ou o contrário, não consigo dormir um sono repousante.  
Às cinco da tarde levanto-me, e de novo tomo o caminho  
do trabalho. Às nove chego a casa, como qualquer coisa  
e deito-me. Não tenho sono. Terei sono? Deixo-me embalar  
pela noite.

1975

## QUALQUER COISA

Não ponho a minha esperança em nenhum sítio.  
Guardo-a como uma velharia num sótão de qualquer coisa.

Sou vago e impreciso, tanto melhor.

Mas ouço, cada vez que posso, a música que amo.  
Encho a casa de sons que estalam e de vozes que gritam.  
Meu corpo brilha, eu componho um silêncio de escuta.  
A música.

Tantos discos que preencheram a minha vacuidade animadora,  
tantas horas achadas no balanço de ritmos e dissonâncias,  
tantos êxtases que fariam medo à própria essência.

Ponho a minha esperança, à maneira dramática de um naufrago,  
nos discos que ouço.  
E que roubo.

1975

### AQUELES

Sinto-me alagado por milhentos gritos que sufocam  
e não me vivem.

Morro na asfixia de me saber homem e de não poder  
gozar a vida.

Aqueles que nascem trazem já a canga da classe.  
Aqueles que morrem despedem-se dos últimos amigos.

1975

### PALAVRAS

Tenho a consciência nítida da carne que sou. Tenho-a demais.  
Não sinto batalha alguma entre o espírito e o corpo.  
Confundo-os e não tento deslindar o mistério do ser.

A verdade não se diz. Não há palavras para o ser.  
De tudo o que se diz, resta a mentira, a sagrada mentira

que une ou desune os homens, que inscreve no mundo  
a sua força de perdição.

1975

## CADEIRA

Acordei com uma nuvem na cabeça:  
vacilo em cada passo  
que dou.

A febre alastrá-se aflogisticamente. O sono concentra-se  
nos olhos.

A respiração aflante estremece no meu corpo,  
sinto-me mal.

Acordei agarrado a este desespero, vontade  
de fugir,  
desejo de vomitar todo o fel  
que acumulei durante todos estes anos.  
Não sei o que fazer.

Estou doente?  
É domingo e o calor foi substituído por um dia cinzento.  
Alguma relação com a dor de cabeça?  
Estou amarfanhado, não consigo segurar-me  
na cadeira  
onde escrevo estes versos.

Acordei e pensei sobretudo na minha terra.  
E achei-me tão órfão.

1975

## SÓ

Desaba-se sobre mim a miséria que ignorei durante tantos anos.  
Eu era só e não me importava com o precário da minha existência.  
Hoje que vivo na presença de uma mulher, não posso evitar  
este desconforto de casa sem móveis, de cozinha sem utensílios,  
de mesa sem pão nem vinho.

Vivemos do que vendemos, e vendemos no trabalho o nosso corpo,  
o espírito, o cansaço de gestos maquinais, a repressão de chefes  
que esguardam. Vegetamos? Sobrevivemos e não sabemos  
onde cair.

Estou terrivelmente cansado. Trabalho, não faço mais nada.

Queria escrever outros poemas. Mais felizes, ou mais calmos,  
mais reflectidos. Ficar sem fazer nada. Olhando as peripécias  
do ser em devaneios, queria o sossego do espírito, a luz tamisada  
do dia, queria o amor livre.

Dão-me um horário que deve ser cumprido na sua exactidão  
estulta, dão-me um salário que não chega para pagar a casa,  
dão-me um sentido à vida que repudio e desejam-me  
as felicidades todas.

1975

## MISERÁVEL

O estrénuo desejo de deixar de ser, se ser é sofrer sempre.  
A miserável pretensão de desaparecer da superfície da terra.

Viajar, viajar no roldão de caminhos que desconhecemos. Viajar através do ódio que incha as pessoas, através da pausa do amor. Viver como um vento que se ignora, quero deturpar o século que se faz história e é tecido com crimes que não são castigados.

Ah! Esta faca que jaz sobre a mesa, condoída e simples. Este instrumento capaz de acabar com a minha existência, por que não fazê-lo agora, agora que estou só e não visualizo o futuro com melhores cores, agora que o sentido da perdição é mais forte que a vontade visceral em viver, e ficar na terra como um animal que nasceu e não sabe falecer. Por que não agora? Lembra-te, se te queres matar, por que não te queres matar? Ah! Tudo o que ganhei na sucessão dos dias, esta fealdade e este cansaço.

Seguro na faca e acaricio-lhe o gume letal, encosto-a ao ventre, pico-me na pele que se fecha como um vulcão raivoso. Empurro um pouco mais. Não, não sou capaz. Que pena ter tanto medo: o suor. Limpo o suor que desliza nas frontes, abandono a faca diserta, esqueço as insinuações apaziguantes. Excogito. Minto-me. Tenho medo. Medo.

1975

## NO DELÍRIO

No delírio e na febre, este ser mais que ser, aqui, aqui, na angústia, esta força capaz de me tornar desumano, esta força que me impele para as regiões do perigo, este impulso de vozes vindas de um além, aqui, mais uma vez, agora que a hora se faz de corrupções

e de faltas, o delírio extemporâneo,  
esta náusea e este súbito prazer,  
o amor, o ódio, tudo o que tenho vivido no vagido  
que corrompe os alicerces do estertor, aqui, no imo repentino,  
no cerne duvidoso, no acme furioso, eu vivo e brilho,  
desacordo que antecede as quedas do destino, fogo que foge  
dos declínios, não sei o que pensar de mim mesmo,  
estou de fora e sinto-me dentro, dentro.

1975

## FALEMOS

Músicas que na filigrana do tempo souberam depor  
sobre o meu corpo riscos e feridas, desfiladeiros do imperecível.  
Falemos seriamente do passado que me viu desabrochar  
como uma flor estranhamente arbitrária e desconhecida,  
falemos do despovoamento, da sucessão inviolável dos dias,  
eu que tanto temo repensar os passos que dei, eu que não visualizo  
o interesse de análises peremptórias, falemos do que tenho sido,  
se tenho sido, se não sou um enigma.  
Homem, sobre-te do lodo que te viu nascer, despe-te  
das roupas cadavéricas. Olha o sol e curva-te  
como um escravo diante de ti mesmo, mistério,  
intrusão no esplendor da natureza.

Quero dormir com a mesma selvagem anomalia sobre as camas  
desfeitas, dormir como uma criança que ignora que um dia  
será um adulto físico, como uma criança que se pensa eternidade.

1975

## O ALCANCE

Enfim, eu,  
no fim maiúsculo do século  
que não ultrapassa a sensibilidade,  
no fim dos fins e tudo é deserto,  
frases que li e ralhos desobedecidos,  
sem mestres nem deveres,  
livre como a palavra não pode  
exprimir o alcance.

1975

## O PRESENTE

O medo.

O indesculpável medo do que não sobreveio ainda,  
a isso chamo velhice.

O ocidente está velho, receia cada passo  
que se dá em frente,  
quer resistir à juventude de certos homens  
que vivem já o presente.

O ocidente que se perde quando pensa  
que encontra as soluções que busca.  
No medo mais medíocre, na náusea mais nauseabunda,  
esta morte que fede e queima.

1975

## FRASES

Exauro a capacidade de sofrer, esvurmo a chaga anímica  
onde o meu ser se traduz pela negação, disturbo a ordem nefasta  
que preenche os dias com a suavíssima poeira, germino no seio  
de um ovo que não sabe eclodir, derrubo a estátua de barro  
que permanece no sítio do dever, do haver,  
justaponho o vazio multívio e na clareira aberta  
da minha insofismável posição no mundo desfaleço.

Ouço o estertor de estranhos moribundos que desconheço,  
vejo no mundo o caos de frases que vencem a humanidade  
e a deixam liberta,  
assisto ao ramerrão ancestral de ideias que buscam no real a força,  
e homens que desfalecem quando os sistemas enobrecem de dor,  
e mulheres que vestem a fealdade de uma nudez incapaz de criar,  
e crianças que pisam nas poças do inverno a essência da morte.

1975

## INFLUXO

Vertigens.

Dobrado sob o peso de dores que nascem do cansaço diário  
vivo sob o influxo do mundo, do medo de morrer ainda hoje,  
do medo de não poder acabar de outra maneira, mais humana.  
Mas que humanidade espero eu na minha morte?

Eu que desespero de não encontrar a silhueta, a imagem  
que me dará a força do enigma, a razão do meu viver na terra.

Tenho tauxiado no meu azedume uma febre de desilusões eternas,  
no meu peito, embora nada se veja quando o mostro na sua nudez,  
esconde um escudo que me protege dos maus olhados,  
dos egípcios requebros que fendem a alma, dos dedáleos  
onanismos que galvanizam a terra extática.

No meu olhar eu prefiguro a animalidade perdida  
e a mentalidade futura.

Emersão de um sonho que se espalhará pelo planeta  
votado ao ostracismo.

Na minha alma abre-se uma pétala de uma flor inesquecível:  
Ser e não ser, aqui e ali, neste espaço que não vigoro.  
Neste tempo que se demora, eu, em mim escora de outra coisa,  
uma fuga para o infinito, o regresso ao lar.

1975

## DESCOBERTA

Vivo debaixo desta impressão impregnada  
de contusos amorfismos,  
sinto-me vivo embora perplexo e trivialmente  
arrastado pelo paradoxo,  
recolho-me nesse movimento descrito nos livros  
ontem dedicados à metafísica,  
minha plenitude tem muito a ver com a necessidade  
maior de atingir o caos.

Penso todos os pensamentos engendrados  
pelo século que teme a descoberta,

na minha alma animo um estranho brilho  
que outros chamam sarça ardente.

Falam-me de progresso, das máquinas  
que incendeiam o horizonte, e eu rio, rio.

1975

### ESTA CHUVA

Chove sobre a terra de um verão que se ignora  
na vingança das estações,  
chove e eu choro encostado à janela vendo a chuva  
que cai como um ramerrão.  
Um afluxo de memórias ocorre-me ao pensamento,  
outros que foram eu outrora,  
agora cadáveres tumefactos que emergem  
como dádivas de um deus.  
Em mim um silêncio mortuário,  
no redor que é vizinhança esta chuva negra.

Sinto-me na lágrima que desliza e eu mesmo já posso amar  
o destino, o caminho que tenho trilhado,  
as pessoas que têm convivido comigo, eu mesmo  
me sou estranho, agora que no choro coloco  
todas as minhas esperanças.

Chove e eu sou enigmaticamente a terra  
que encharcada respira sofregamente, abro os braços  
para receber no meu amplexo a água  
que fertiliza os campos.

Assim, também as lágrimas debitadas pela minha emoção  
que rumoreja hinos insuflam  
na minha vida uma outra razão de ser,  
estremeço quando me revejo.

1975

## DISCOS

Não aguento o silêncio desta casa que não me pertence.

Ouço a música que amo, discos que me acompanham  
como companheiros úteis, e a casa enche-se de sons  
e de ruídos, de ritmos e de rimas, estou melhor.

Ouço estas guitarras que se desafiam e desfibram  
as arrogâncias dos sons, nesta feliz bateria eu pressinto  
o rumorejar de céus que se revoltam, no baixo sinto  
bem a calma de pontuações que dizem ao tempo  
o limite das acções humanas, e o piano é uma feira  
de virtualidades enganadoras.

Instrumentos!

Quando a guitarra se isola sobre um fundo  
de leveza corporal,  
ei-la que fabrica à maneira de um tecelão  
a trama de cinzelados painéis,  
ei-la que canta e chora e fala como um humano  
entregue ao sofrimento, a guitarra que sobressai  
e no imbróglio da capacidade sonora diz que está.

Vivo-me muito mais  
quando embalado por rios de música  
que elaboram no ser  
uma calma onde atinjo o maior grau  
do desfalecimento, venho-me porventura  
por todos os poros que o corpo tem e a alma não fica  
indiferente ao sortilégio.

Músicas que me violaram.

E trouxeram razões de existência onde o desespero  
imperava como um algoz do absurdo,  
músicas que na memória se misturam  
e formam novas músicas,  
essas criadas por mim, no lazer das horas sem trabalho,  
na dor dos movimentos que faço quando labuto  
e não sei acabar com o meu desamor.

Ouço-as todas, e sinto-me mais humano,  
mais perto de uma realidade futura.

As vozes de poetas que tiveram a sorte  
de cantarem o que a alma lhes dita,  
essas vozes que confundo às vezes com mensagens  
vindas de outros mundos,  
essas vozes essências de um sentir que se perde  
ou que ainda não existe.

Ouço-as na minha sensibilidade afeita  
ao doloroso engano da arte, e choro.

1975

## CORAGEM

Sol e solidão,  
areias onde os meus pés não pisaram as fímbrias do deserto,  
deste deserto que a vida é quando nos esquecemos  
de viver, de ser, de gozar.

Ninguém vê ou tem a coragem de ver o castigo  
dos tempos modernos,  
a impotência de não se modificar o real.

Sou quem sou. Estou onde estou. Vivo o que vivo.

Quero dizer: digo.

1975

## UM TRAVO

Quero-me na estrutura do real uma sombra que paira  
e leva ao desejo a voz nostálgica de primaveras  
que não foram vividas nem achadas nem dadas,  
o discurso tece-se de novidades aprendidas no quotidiano  
da dor.

Cada vez que abro a boca sinto na minha sensibilidade  
um travo de desgosto, digo frases que atingem a comodidade  
do minuto, mas não vislumbro no acme o desejo  
e a fereza inumana de uma paixão capaz  
de originar vida e sonho.

Vejo sem ver, sinto sem sentir, nada transparece no sítio do ser.

Nada sobressai no marasmo a que assistimos  
com as mãos presas e velhas.

A casa é um casulo do irreal, a alegria não é,  
mas aparece nula como transmissão ignóbil  
de uma esperança que não existe, mas é venerada.

1975

## A VITÓRIA

Querer não é ser, e lido o poema depois do calor  
que o criou, revejo apenas certas palavras  
que me são muito caras, não o sentido que inocente buscava.

Minha paixão é urdida de tremores que acendem no ser  
fogueiras, falo-vos da batalha quotidiana,  
da cerebração que antecede a vitória.

1975

## O SILENCIO

Não me incomodo com a solidão a que estou votado,  
tenho anos de avanço em relação ao percalço quotidiano,  
o futuro não é uma hidra se sete cabeças, ele obedece  
ao meu desejo actual e faz-se de uma loucura  
que os contemporâneos temem.  
Aqueles que não me compreendem fingem que se mexem,  
falam alto para se ouvirem, receiam o silêncio

e querem a todo o custo a companhia.  
Aqueles que estão destinados a morrer nunca nasceram  
nem souberam viver a ousadia de não se sentirem homens  
num tempo que implorava chacina.

1975

## LAÇOS

Deixar neste livro a simplicidade sem equívocos  
de uma possibilidade.  
Deixar transparecer o que de futuro se vive aqui.  
Escrever na frase actual a vontade de permanecer, de ser  
inteiramente livre.

Rasgar ao ser os seus mistérios invictos.  
Povoar a terra com a ternura que desconheço.  
Amar no que digo a essência de um destino completo.

Eu, na ousadia de me saber indivíduo no seio de uma aurora,  
e todos os mais, homens da terra, mesmo se é um mito  
a amizade cosmopolita, mesmo se é inútil a fraternidade  
a longo alcance.

Sinto-me ligado por ínviros laços ao mundo que me detesta,  
não sei ler os signos que empestam a tirania  
de ancestrais tradições, no convívio diário com as pessoas  
não consigo atingir o acme da comunicação.

Do que tenho sido ignoro as causas e os efeitos,  
ouço na música contemporânea a ilusão de possuir

um substrato, a essência humana.

1975

## INSTANTE

A difícil posição de estar rodeado de mundo  
que explode em cada instante,  
de não me poder alicerçar num terreno de paz.

A angústia de viver numa terra que muda e envelhece,  
a dor orgânica e anímica que cresce no peito e vem asfixiar-me.

Estes acidentes, estes percalços, estas políticas,  
esta maneira tanta vez inessencial de nos vivermos.

O momento de reflexão,  
o minuto periclitante de uma revelação ontológica,  
estarmos e sermos,  
aqui,  
na terra inviolável dos enigmas serenos, no silêncio  
de esfinges que velam a nossa estadia, o nosso logro.

A fome que deturpa, a miséria que avilta,  
a exploração que animaliza.

A necessidade de morte, a caça, o poder que mata,  
a náusea moribunda.

As leis que impedem os homens de ser livres:  
das irresponsabilidades que criam no seio das metrópoles,

dos crimes que incendeiam as casas onde os lares querem ser,  
dos desnivelamentos a todos os níveis.

1975

## DOS TUMULTOS E DO FUROR

Sinto-me por vezes de fora de tudo o que acontece à minha volta,  
como se vivendo num outro mundo, longe dos tumultos e do furor,  
aquém do silêncio de todas as coisas,  
muito além da matéria que nos rodeia e empobrece.

Em mim os grandes problemas da humanidade  
resolvem-se no dia a dia, em batalhas onde sou sem dúvida  
o vencido e o vencedor, na acalmia que segue as intempéries  
dos sentidos, no sentido que busco sem o saber,  
na descoberta a que dou uma importância mitigada.

Dizem-me: tudo é nada.

E depois? Minha vida no que tem de ludicamente miserável  
não mudou. Continuo o mesmo escravo  
com a consciência aguda da prisão.

Dizem-me: tudo vai mudar.

Mas como, se me diziam que tudo é nada.  
Brinca-se com as palavras e a dor está aqui,  
a dor inefável. A dor.

Por vezes abandono-me ao pessimismo, desejo descanso, paz.

Afasto-me da cidade que envelhece o homem e busco nas réstias de campos a reflexão, o diálogo de solilóquios que enobrecem minha estadia na terra.

E depois?

Depois regresso ao burburinho inseparável dos roedores de alma, labuta dos dias estagnados nos horários castradores, depois tento esquecer-me e não sou mais aquele que é.

1975

## LÍQUIDOS

Deixar no mundo um rastro de sofrimento, este sangue que ninguém terá a ousadia de beber, este esperma perdido nos terrenos da infertilidade, este suor que se esvai e atinge o paroxismo do calor, líquidos no amorfismo redentor de qualquer coisa.

1975

## GASTO

Viver na cama o destino de ser livre de horários e do trabalho, o destino que se insurgue contra as correntes da escravidão, este desamor e esta náusea por tudo o que tenho vivido.

Nada me atrai. Tudo demasiado velho, gasto, perdido. A civilização ocidental nada me diz.

As opiniões que acalentámos ontem e são hoje caducas,  
as verdades que nos guiaram na miséria e na ignomínia,  
os princípios, as leis, os manuais moralmente caquécicos,  
de que serve tudo isso?

1975

### A LUZ

E depois a luz, este clarão permanente nos meus olhos,  
esta faca que me corta os tendões do sonho,  
esta mesa onde me deito para a operação da desmedida.  
Grito soltas palavras avulsas que ninguém ouve,  
choro como um filho que nunca conheceu mãe.

1975

### O SELO

Fustigado pelas intempéries sazonadas da luz que fere  
abrigó-me na calma mole de noites que se espraiam pelo silêncio,  
creio na minha imortalidade, não vislumbro o selo da eternidade.

Na noite onde não sou, mas estou como um filho monstruoso  
das razões que sulcaram a história das civilizações,  
na noite airosa e amiga agora,  
na noite onde a escuridão é um apelo do impossível.

Reflecto sobre a estadia nesta terra que não admiro,  
repenso o que sofri nos debates com o mistério,

revivo a dor de ter a pretensão de não me sentir homem.

Ler não é suficiente. Amar é um episódio do destino humano.  
Odiar é a luta em que se bate um homem predisposto ao novo.

Morrer é o acto mais puro do homem.

Morrer sem ter tocado em nada, sem ter sentido a náusea  
dos dias, sem se aperceber do medíocre presságio  
que galvaniza, morrer como quem espera a voz melodiosa  
do nada.

1975

## ESTA OPORTUNIDADE

Nunca vivi desta maneira o ser.

Nunca neguei à vida esta oportunidade única e última:  
escrever fora da história e para mim,  
diante da morte como um festim.

Escrever sem buscar nas palavras um sentido razoável,  
nunca me senti tão perto de outra coisa.

O que procuro encontra-se algures, entre um som e um silêncio.  
O que temo descobre-se nas margens serenas do ser.

Estar aqui e viver.  
Como um homem,  
como um projecto,  
como uma carne que quer gozo e fetos,  
no difícil parto de ideias que abandonam o quotidiano,

no fácil pranto de quem assiste à sua própria morte.  
Nunca vivi desta maneira o ser.

## ESTA SALIVA

Nada me edifica na corrupção maquiavélica do tempo,  
tudo estagnado, estático como outrora eu desejei viver.  
E este suor de dias mal assimilados.  
Esta saliva de verborreias estultas.  
Este pó no fim de cada gesto, de cada palavra.

Dói-me percorrer os caminhos que outros já trilharam,  
que dizer as frases que outros já disseram,  
que morrer da mesma maneira que os outros morrem.  
Dói-me viver no comum a miséria de ser  
uma partícula do profano,  
mas dói mais sabê-lo.

O silêncio contemporâneo abre-se em vozes que me desvendam.

1975

## LIVROS

Escrevi livros centrados todos mais ou menos no nada,  
cheios desta substância que enche os dias ignaros.  
Livros onde pus a minha alma, onde inventei uma aventura,  
onde viajei por meandros indomáveis de rios desconhecidos,  
sem embarcadouros à vista, sem fim previsível.  
Fui a inocência e o crime.

Tenho escrito os versos mais imperfeitos do século,  
na arte mais corrupta de todos os tempos,  
na aflição mais odiosa.

Esta necessidade e este martírio, esta agonia e este êxtase,  
escrever sem saber,  
na superfície de tudo, na profundezas de nada,  
tenho inscrito na estranheza da terra um grito de esperança.

1975

É com uma certa vergonha que apresento mais alguns exemplares dos quatro livros escritos em Paris e em Londres nos anos 70. E que eu chamei de Exílio. (Ver o pequeno comentário que aparece nesse livro). Eu que muito mais tarde apresentei uma outra maneira de se fazer escrita a experiência dos dias, a que chamei porética, tenho que concluir que muitas dessas intrusões do novo já tinham tido expressão nesses quatro livros. Só que sem a ajuda da estética. No sofrimento eu não consegui nem ainda consigo, para dizer a verdade, armar-me da ilusão da genialidade. Pois tanto no livro Exílio e mais neste livro Exílio II, a intrusão do sofrimento social, político, civilizacional se faz com um denodo da obsessão, da repetição, indiferentes à lógica da arte, que para mim, a leitura destes livros, hoje, se me tornou insuportável. Como fui capaz de ser tão abjecto? Tão miseravelmente inocente? Não deixam de ser, contudo, o Exílio e o Exílio II, a expressão de experiências vividas. E para mim a literatura tem, até certo ponto, de ser vivida. As palavras não fazem um mundo.

Silva Carvalho

FOTOS:

CAPA E CONTRACAPA DE LUÍS SILVA CARVALHO,  
PARIS, ANOS 70.